

EDUCAÇÃO EXTRA MUROS: a aprendizagem efetiva fora da sala de aula

Nome dos Autores¹ Kaline Tatiane Passos da Hora, Laisa Macedo de Brandão.

¹Pós-Graduada pela Universidade Federal do Estado da Bahia (UFBA), professora da área de linguagens do Centro Juvenil de Ciência e Cultura Barreiras/Bahia/Brasil – e-mail: kaline.hora@enova.educacao.ba.gov.br, Pós-Graduada pela Universidade Federal do Estado da Bahia (UFBA), diretora Centro Juvenil de Ciência e Cultura Barreiras/Bahia/Brasil – e-mail: laisa.brandao@enova.educacao.ba.gov.br

RESUMO

A atualidade leva a sociedade a não se satisfazer com as informações, as pessoas querem vivenciar e compreender melhor diante da experimentação dos fatos. Nesse compasso a educação segue esse pensamento e a juventude, que já possui a natureza inquieta, não se contenta em ser mero telespectador dos conteúdos a serem apresentados. Há uma grande necessidade de perceber os saberes, de haver uma vivência, uma experimentação do que se contextualiza. A construção do conhecimento torna-se uma ocasião de extensão ativo do aprendizado do estudante, de sua prática, como bem diz Paulo Freire.

Palavras-chave: Aula de Campo, Experimentação, CJCC, Fotografe, Trilhas, Audiovisual.

EXTRA WALL EDUCATION: effective learning outside the classroom

The current situation leads society not to be satisfied with information, people want to experience and understand better when faced with the facts. In this measure, education follows this thinking, and youth, which already has a restless nature, does not content itself with being merely a viewer of the contents to be presented. There is a great need to perceive the knowledge, to have an experience, an experimentation of what is contextualized. The construction of knowledge becomes an occasion for the active extension of student learning, of its practice, as Paulo Freire says.

Keywords: Field Class, Experimentation, CJCC, Photograph, Tracks, Audio-visual.

1 INTRODUÇÃO

Os Centros Juvenis de Ciência e Cultura são uma “extensão universitária” das escolas regulares da rede pública. Em seu funcionamento, os CJCC's funcionam como espaço de educação complementar, ofertando oficinas em diversas áreas dos conhecimentos, usando de elementos como interdisciplinaridade, inovação, tecnologia, além de estimular a pesquisa e a investigação científica. Nesse espaço os alunos criam sua

jornada de atividades, adequando os seus gostos e afinidades, tal fator faz com que ele tenha a possibilidade de escolher quais atividades pedagógicas irão desfrutar dentro do CJCC.

Os Centro Juvenis de Ciência e Cultura são um empreendimento da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, direcionadas exclusivamente aos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental e estudantes do Ensino Médio da Rede Pública, para fazer parte do quadro discente, só existe uma condição: a necessidade de o aluno estar matriculado dentro das escolas regulares, para que ele possa cursar as atividades pedagógicas do CJCC em turno oposto, para isso, o mesmo funciona nos três turnos (matutino, vespertino e noturno). Na atualidade existem os CJCC's nas cidades de Salvador, Vitória da Conquista, Itabuna, Barreiras e Senhor do Bonfim. Na cidade de Barreiras, o Centro Juvenil foi instituído pela portaria 6161/2015.

A proposta do CJCC é realizar atividades interligadas aos conteúdos programáticos da escola regular, ampliando esse aprendizado com a utilização de aulas que visem a multiplicação dos saberes através da experimentação pedagógica, de tal forma, os estudantes irão pôr em prática o seu aprendizado teórico de diversos componentes curriculares, elaborando uma construção mais ampliada e um aprendizado significativo, pois deixam de ver determinado assunto que era algo distante e apenas ficto, para idealizar como algo que pode ser experimentado e colocado em prática. Seguindo essa concepção de construção própria do aprendizado, além dos experimentos práticos, é preciso o uso efetivo dos novos saberes adquiridos, pensando nisso, os projetos pedagógicos das oficinas preveem a exploração de determinados ambientes, fora do Centro Juvenil, para que o estudante, aplique de forma efetiva o aprendizado agora agregado.

As oficinas: Trilhas do Cerrado, Fotografe e Audiovizoom, são exemplos claros desse experimento prático, visto que os estudantes, no percurso das oficinas, irão explorar um local previamente definido, para poder colocar em prática todo o processo construído nas oficinas, e assim experimentar, utilizar dessas metodologias e métodos em tempo real.

Dentro dessa proposta, se destacaram de uma forma significativa, duas atividades extra muros: a primeira ocorreu com a unificação das oficinas de Trilhas do Cerrado e Fotografe, com a visita ao Parque Fioravante Galvani, que se situa na cidade de Luís Eduardo Magalhães, que é um Centro de Conservação e de Educação Ambiental do cerrado baiano. Nas instalações do Parque, os alunos podem ter acesso a fauna e flora, em um ambiente que demonstra de forma evidente que é possível, a harmonia entre meio ambiente e as pessoas, desde que haja uma consciência sobre a importância de preservá-la.

O contato com o Bioma do Cerrado, através de um olhar mais cuidado e regionalizado sobre as perspectivas da conservação do mesmo dá um significado diferente acerca da sua importância nos quesitos de vida animal e vegetal. Ademais, fica evidenciado a acuidade do Cerrado, desenvolvendo as habilidades necessárias para a compreensão do papel do homem na natureza.

Ainda nessa perspectiva tem a visita a Faculdade São Francisco de Barreiras - FASB, com a visita aos laboratórios de TV e Rádio. A faculdade que busca capacitar o profissional para atuar em diferentes atividades relacionadas aos processos de produção de conteúdos para os meios audiovisuais, incluindo cinema, televisão, rádio, vídeo e internet, possui espaços construídos com o intuito de aprimorar as funções exercidas por este profissional que se relacionam a criação, elaboração e gestão de projetos audiovisuais e a operação de equipamentos de imagem e som (câmeras, iluminação, gravadores, microfones, editores) em ambientes analógicos ou digitais.

2 METODOLOGIA

O Centro Juvenil é uma instituição de ensino ligada a Secretaria de Educação do Estado da Bahia e atende exclusivamente aos estudantes regularmente matriculados na rede pública de ensino, criados em 2011 pelo Decreto n. 12.829 de 04 de maio de 2011, pelo Governo do Estado da Bahia, tem como escopo redefinir a atual visão das escolas como um ambiente meramente instrutivo, que busca apenas jogar conteúdos, e não se preocupa com a aquisição dos conhecimentos, e a importância da

atratividade do ambiente, deixando os estudantes intrigados, entusiasmados e provocados a buscar novos saberes, por isso busca:

[...] promover o acesso dos estudantes às temáticas contemporâneas, mediante estudos e atividades interdisciplinares que potencializam o funcionamento da rede escolar formal, com ênfase na compreensão dos fatos, questões, invenções, avanços e conquistas sociais, artísticas, culturais, científicas e tecnológicas, com reflexos na convivência humana e cidadã. (BAHIA, 2011)

O Centro Juvenil de Barreiras possui a maior parte toda a estrutura funcional proposta pelo Documento Base, o que facilita o funcionamento tanto administrativo quanto pedagógico, visto que o mesmo dispõe de 1 (uma) diretora, 2 (duas) vice-diretores, 07 (sete) professores, 07 (sete) monitores, 03 (três) assistentes administrativos (secretaria, portaria), 02 (duas) serviços gerais, 04 (quatro) vigilantes em sistema de rodízio, 01 (uma) merendeira, estando em carência momentaneamente da coordenadora pedagógica, e de um certo quantitativo na parte administrativa, ademais, o CJCC de Barreiras, funciona nos três turnos, atendendo a uma média de 200 (duzentos) estudantes, matriculados em oficinas das áreas de Linguagens, Humanas, Artes, Química e Educação Física.



CENTRO JUVENIL DE CIÊNCIA E CULTURA BARREIRAS (área externa)

As oficinas disponibilizadas durante cada ciclo apresentam diferentes conjuntos, nesse contexto, focamos nossa atenção para as oficinas de Trilhas do Cerrado,

Fotografe e Audiovizoom, ambas possuem proposta pedagógica bem distinta, porém, ao final de cada circuito (que dura uma média de 3 meses), elas irão propor aos alunos, através de uma aula exploratória, que irá detectar as espécies da fauna e da flora que existem naquele ambiente e fotografá-los e experimentar a visita técnica a um laboratório audiovisual.

A oficina Trilhas do Cerrado, traz em sua abordagem uma temática que visualiza despertar nos alunos os cuidados e a necessidade da preservação e da importância da flora e fauna do bioma cerrado. Sendo assim, destaca-se nela o diálogo e os processos de comunicação em geral, com princípios norteadores das ações científicas, pois possibilitam a expressão autêntica do discente, em suas curiosidades, dúvidas, necessidades e um despertar para a sustentabilidade para com o meio em que se encontra inserida. Dentro desse enfoque são realizados juntos com os estudantes a construção de exsicata, caixa entomológica, mudas de espécies nativas do cerrado.



AULA DE TRILHAS DO CERRADO

A fotografia como linguagem documental e artística possibilita o desenvolvimento da criatividade e, sobretudo um olhar sensível à estética e as diversas formas de expressar e revelar o mundo. A linguagem fotográfica se constitui como importante meio de representação social cultural, cujo seu potencial transdisciplinar permite o diálogo com conhecimentos de matemática, física, química, biologia, história, geografia dentre outros.



FOTOGRAFIA DA OFICINA FOTOGRAFE

Pela necessidade de se trabalhar de forma contextualizada conteúdos estudados no currículo escolar dos alunos, levando os estudantes a uma integração e melhoria nos processos de ensino-aprendizagem e inter-relações.

O educando, por já nascer em meio às novas tecnologias, tem certamente mais facilidade de relação com essas, muitas vezes viabilizando novos aprendizados ao educador. O uso da fotografia como forma de demonstrar e arquivar o conhecimento.

Nesse diapasão, a oficina Fotografe, traz em seus objetivos: a) compreender os princípios básicos da fotografia; b) ampliar as percepções imagéticas de espaços diversos; c) relacionar e utilizar a linguagem fotográfica como forma de construir conhecimento, e de representação sócio cultural; d) despertar nos indivíduos uma integração verdadeira, de forma a construir os conhecimentos tendo como base a reprodução de imagens por meio da fotografia; e) conhecer os princípios básicos de composição visual e aplicá-los à fotografia e reconhecer e valorizar a importância da fotografia como linguagem documental e artística.

A metodologia inicial de cada oficina merece destaque, pois apesar de apresentarem uma proposta diferenciada e uma contextualização aparentemente divergente, ambas conseguem ao final, unificar o mesmo objetivo: dinamizar o aprendizado significativo do estudante, levando este a explorar determinado ambiente, para detectar e aplicar os conhecimentos adquiridos durante a oficina.

Para compreender o bioma em que o estudante está inserido na região oeste da Bahia, de modo que, ele possa conhecer e passar a preservar melhor é necessário viabilizar o reconhecimento da relação do homem com o ambiente. O Parque Fioravante é um centro de conservação ambiental, onde a possibilidade de contato com a fauna e flora do cerrado.



PARQUE FIOVARANTE GALVANI

Imagem retirada da página (<http://www.pfg.org.br/o-parque/quem-somos.html>)

A oportunidade de possibilitar ao aluno a participação nos debates que exigem conhecimento biológico, político e social, os norteiam frente às questões do seu dia-a-dia em relação ao meio ambiente.

Já a oficina Audiovizoom, traz em seus objetivos: a) apresentação da amplitude da área do audiovisual; b) estudo de direção de arte, fotografia; c) compreensão sobre luz e técnicas fotográficas em estúdio; d) fortalecimento da linguagem e repertório técnico de fotografia; e) publicidade; f) ética; g) operação de equipamentos; h) análise e discussão sobre possibilidades de expressão, e criação artística e cultural por meio do audiovisual e i) estudo e prática da produção audiovisual.

Com a proposta desse último elemento necessário é que os alunos vivenciem o espaço real que ocorre a produção visual.



VISITA A FACULDADE SÃO FRANCISCO DE BARREIRAS

O sujeito é constituído por razão e emoção, como protagoniza Henri. A escola regular se preocupa excessivamente com a razão, enquanto que a emoção é deixada para segundo plano. A educação contemporânea exige um fortalecimento das habilidades emocionais e das agilidades de convívio com o outro, ou seja, uma aprendizagem para a vida. É através dessas habilidades que o sujeito se constitui como ser humano, que pensa, resolve problemas, convive com outras pessoas em casa, no trabalho, na vida cotidiana. A construção do conhecimento deve ter como fim o desenvolvimento de um sujeito com competências para o convívio em sociedade e para a busca e construção constante de mais conhecimento. A escola atual deve ser o local onde essas competências são desenvolvidas.

3 DISCUSSÃO

A atual conjuntura da educação, leva-nos a necessidade de interação com os elementos da inovação, isto porque hoje não existe mais a concepção de que o aprendizado significativo é aquele restrito as paredes escolares, a necessidade de respostas mais eficazes para a problematização que se configura na vida da sociedade, leva a querer realizar algumas experiências e conhecimentos para profundo.

FREIRE, 1969, apresenta a probabilidade de que o homem hoje necessita de ação e reflexão, dessa forma, ele não se satisfaz apenas em admirar o mundo, ele deseja

compreende-lo, interagir, responder a incitações, a atualidade se perfaz na atuação do homem como ator coadjuvante, e não mero espectador das informações que lhe acrescidas. Assim sendo, inconcebível seria imaginar que os alunos, dentro de toda essa nova concepção que o mundo apresenta (interação e reflexão) ficariam inertes a essa novidade.

Os estudantes não se contentam com meros conteúdos programáticos, eles desejam a vivência, a humanização desse conhecimento, de tal forma, ele deseja debruçar-se acerca do que lhe é apresentado, tendo contato tanto visual como experimental, querer impedir essa reflexão e essa ruptura, é desumanizar o estudante, coisificar o seu conhecimento, trata-lo como mero receptor de conteúdos programáticos que serão fadados ao esquecimento, em razão da não propriedade em criar conceitos, refletir sobre o mesmo e subjetivamente adquirir seus próprios conhecimentos.

A concepção humanista e libertadora da educação, ao contrário, jamais dicotomiza o homem do mundo. Em lugar de negar, afirma e se baseia na realidade permanentemente mutável. Não só respeita a vocação ontológica do homem de ser mais, como se encaminha para esse objetivo. Tem do saber uma visão crítica; sabe que todo o saber se encontra submetido a condicionamentos histórico-sociológicos. Sabe que não há saber sem a busca inquieta, sem a aventura do risco de criar. Reconhece que o homem se faz homem na medida em que, no processo de sua hominização até sua humanização, é capaz de admirar o mundo. É capaz de despreendendo-se dele, conservar-se nele e com ele; e, objetivando-o, transformá-lo. Sabe que é precisamente porque pode transformar o mundo que o homem é o ser da praxis um ser que é práxis. Reconhece o homem como um ser histórico. Desmistifica a realidade, razão por que não teme a sua desocultação. Em lugar do homem-coisa adaptável, luta pelo homem-pessoa transformador do mundo. (FREIRE, 1969)

A busca conjunta do conhecimento (teoria e prática) levam o estudante a uma experiência subjetiva, isto porque cada ser dentro de sua personalidade irá criar conceitos, concepções, entendimentos, não é mais aceitável, achar que o aluno pode ser um depósito de conteúdo, onde se despeja aglomerados de teorias e fundamentos, e não se permite que seja realizada a reflexão, internalização e estruturação da informação que foi absorvida.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, pag. 24)

De tal forma, imperioso se faz se desapegar dos conceitos de quantidade e sim na qualidade do conhecer que se apresenta, e acrescenta Larrosa, 2002 que é preciso se envolver no processo da experimentação, porque a experiência exige uma exposição, um vivenciamento, o tocar, o ver, o sentir, esses elementos irão criar intrinsecamente conhecimentos variados dentro de cada ser, conforme a sua concepção individual, e isso tudo só será possível, quando se para e realiza uma concentração do que foi experimentado.

A experimentação dos alunos quanto aos conhecimentos adquiridos durante as oficinas e a aplicação destes nas aulas permite que se crie subjetividade seus próprios entendimentos.



PALESTRA COM AS BIÓLOGAS DO PARQUE FIORAVANTE



PALESTRA COM O COORDENADOR DO CURSO DE AUDIOVISUAL DA FASB

Nota-se que cada um possui uma particularidade acerca de observar os detalhes que lhe são apresentados, isto porque como dito anteriormente, cada ser, possui uma maneira própria de internalizar e submergir na informação que lhe foi provida.



CULMINÂNCIA DAS OFICINAS TRILHAS DO CERRADO E FOTOGRAFE NO PARQUE FIORAVANTE GALVANI

Observa-se de tal forma que as experiências são um processo resultante da relação do indivíduo com o mundo, assim sendo, ela engloba as particularidades de suas experiências vividas pelo indivíduo na sociedade, isto porque a personalidade é um processo resultante de relações entre as condições objetivas e subjetivas do indivíduo, que, inserido numa sociedade (e essa é a condição fundamental), singulariza-se e diferencia-se ao ponto de ser único.

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo. (LARROSA apud HEIDEGGER - p. 143- p. 25) [...]. Atualmente, o conhecimento é essencialmente a ciência e a tecnologia, algo essencialmente infinito, que somente pode crescer; algo universal e objetivo, de alguma forma impessoal; algo que está aí, fora de nós, como algo de que podemos nos apropriar e que podemos utilizar; e algo que tem que ver fundamentalmente com o útil no seu sentido mais estreitamente pragmático, num sentido estritamente instrumental. O conhecimento é basicamente mercadoria e, estritamente, dinheiro; tão neutro e intercambiável, tão sujeito à rentabilidade e à circulação acelerada como o dinheiro. Recordem-se as teorias do capital humano ou essas retóricas contemporâneas sobre a sociedade do conhecimento, a sociedade da aprendizagem, ou a sociedade da informação. [...]. Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar. (LARROSA, 2002)



VISITA AOS LABORATÓRIOS DE AUDIOVISUAL DA FASB

A educação fora da escola, tem esse condão de despertar a mente e a capacidade de aprender, pois se distinguem como ambientes excitantes que, se bem aplicados, se qualificam como um relevante cenário para a aprendizagem. A vivência no ambiente externo se propaga também como um acréscimo de afeto e confiança entre discentes e docentes, ademais essa educação extra muros, garantem a iniciativa em direção à conquista da autonomia e o desenvolvimento de habilidades de pensamento, fazendo com os discentes, construam suas próprias memorização e compartilhe o aprendizado a sua maneira.



ELABORAÇÃO DE VÍDEOS PELOS DISCENTES NA OFICINA DE AUDIOVIZOOM

Nesse contexto, envolver que a atividades que dão vivência, também conhecidas como aula de campo, consiste no contato direto com o ambiente de estudo fora dos muros burocráticos da sala de aula, que permite ao docente o conhecimento de um instrumento pedagógico eficiente e bastante proveitoso na relação ensino-aprendizagem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se afirmar que há uma busca constante por opções capazes de melhorar a edificação do conhecimento: o Centro Juvenil de Ciência e Cultura sempre busca

adotar estratégias que facilitem e intensifiquem a aprendizagem, e as vivências práticas são sempre um grandioso instrumento educacional.

A integração das oficinas de Trilhas do Cerrado e de Fotografe, permitiram aos estudantes uma dinâmica diferente e interessante, além de identificarem as espécies do nosso cerrado durante a trilha, foi realizado o registro fotográfico desse novo conhecimento, assim implantou-se uma nova ferramenta metodológica no processo de ensino-aprendizagem, pois ao final do ciclo, foi construído uma narrativa fotográfica que contextualizou o passeio para todo o CJCC.

Finalmente, pode-se afirmar que a vivência é bastante útil no entendimento, assim como é imprescindível para o processo de ensino-aprendizagem em diversas ciências que buscam transformar nossos estudantes em seres pensantes, críticos e atuantes.

REFERÊNCIAS

<http://www.educacao.ba.gov.br/midias/documentos/documentos-legislacao-do-centro-juvenil-de-ciencia-e-cultura>. Acesso em 08 de agosto de 2017.

<http://www.pfg.org.br/>. Acesso em 08 de agosto de 2017.

<http://www.fasb.edu.br/index.php/cursos/graduacao-superior-tecnologica/producao-audiovisual>. Acesso em 26 de abril de 2018.

https://www.instagram.com/p/BheEwg_A0k1/?taken-by=faculdedefasb. Acesso em 26 de abril de 2018.

FREIRE, Paulo. **Papel da Educação na Humanização**. 1969. Disponível em: <http://www.rcdh.es.gov.br/sites/default/files/Freire,%20Paulo%201969%20Papel%20da%20educacao%20na%20humanizacao.pdf>. Acesso em 08 de agosto de 2017.

GOMES, Annátalia Menezes de Amorim. **Os saberes e o fazer pedagógico: uma integração entre teoria e prática**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n28/a15n28.pdf>. Acesso em 19 de setembro de 2017.

LARROSA, Jorge Bondía. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Universidade de Barcelona, Espanha. 2002.

SILVA, Flávia Gonçalves da. **Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural**. Psicologia

educacional. n.28 São Paulo jun. 2009 Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752009000100010. Acesso em 22 de setembro de 2017.

WALLON, Henri. **Les milieux, les groupes et la psychogenèse de L'enfant**. Enfance, Paris, n.3, v.4, p.287-296, Mai-Oct, 1954.